

**ENTRE PAISAGENS SULINAS:  
FOTOGRAFIAS PARA CRIAÇÃO DE NOVOS MUNDOS POSSÍVEIS<sup>1</sup>**  
Cláudio Tarouco de Azevedo<sup>2</sup>

**Resumo:** este ensaio nasce da prospecção de imagens em meu acervo pessoal. Após a escolha de doze fotografias, busquei modos de apresentação do conjunto. Conforme olhava cada uma delas, verifiquei a possibilidade de organização em dípticos. A partir desse processo de criação, emergiu o título *entre paisagens sulinas*, pois todas as fotografias foram realizadas nas cidades de Rio Grande e Pelotas, no extremo sul do Brasil. Assim, criei os pares de imagens intuindo diálogos entre elas para que pudessem promover a elaboração de narrativas verbais. Estas articulações *verbovisuais* se apresentam como táticas de reinvenção do olhar e das paisagens em dípticos. Inspirado em Paulo Freire, o *preto e branco* se apresenta como a tomada de consciência crítica e sensível de uma realidade que sobrepõem possíveis dicotomias e expõe a multiplicidade de formas e tons para a liberdade de expressão. Esses *novos mundos possíveis* são enunciados pelas associações livres inventadas pelo imaginário. Manoel de Barros, Eduardo Galeano, Albert Schweitzer, Pablo Neruda, José Saramago, Félix Guattari e Ailton Krenak são alguns dos intercessores responsáveis por instaurarem esse plano de imanência como estratégia vital para subverter os tempos difíceis de pandemias sanitárias e políticas.

**Palavras-chave:** fotografia, paisagens sulinas, novos mundos

---

<sup>1</sup> Ensaio visual publicado em 2021 na edição 16 da revista Paralelo 31. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/22226>

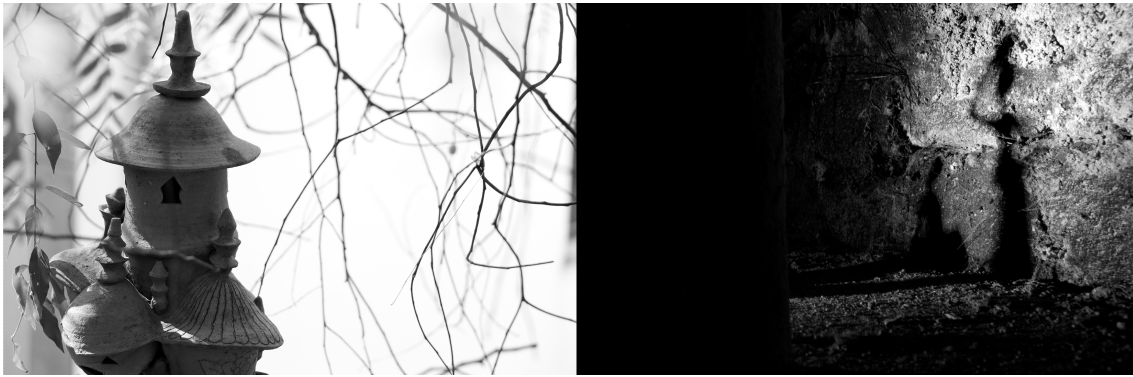
<sup>2</sup> Artista visual, vegetariano, educador ambiental e professor dos Cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Coordena o Grupo ART3ECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica – FURG/UFPel/CNPq e é vice-líder do PhotoGraphein: núcleo de pesquisa em Fotografia e Educação – UFPel/CNPq.



Entre os campos pampeanos e o litoral gaúcho, uma linha de dunas e árvores conecta distintos ecossistemas. A serração *temprana* encobre a vegetação... e das areias litorâneas emergem as ruínas de uma antiga construção. Um grande corpo movediço está de passagem, mas sempre presente. Como pensamentos pueris essas ruínas evidenciam outras, interiores. E o que podemos aprender com as histórias difusas de uma paisagem política? O que somos capazes de des-cobrir para que a mentira seja apenas a lembrança de um nariz crescido em uma história infantil?



Delicadeza essa que me lembra o cheiro da arruda, do alecrim, da lavanda... no contraste com o céu, sou capaz de ver um carrossel. Com a energia da infância... da tomada de consciência que em mim existe uma criança e que essa me faça uma pessoa mais afetiva e terna nos diálogos diagonais, transversais... para que todo o humano e o não-humano possa respirar.



Arquiteturas distintas para modos de ver e viver a estética da criação com a ética do compromisso com a vida. Daquelas sombras que são a presença do corpo... que são histórias platônicas que seguem se repetindo. Delírio humano de ser pós-alguma-coisa. Repetindo a violência sobre o *outro*, seja humano ou não humano. Violadas - pa\_\_\_\_lavra - em larga escala. Atropela crianças, mulheres, idosos, negros, florestas, animais, indígenas e muitos mais. Arquiteturas distintas são corpos diversos, de belezas singulares, a serem respeitados e valorizados.



Planos e camadas que se interpõem... fico no meio quando encontro a textura visual. Um corpo se estende até que a paisagem em alto contraste desfoque personagens desconhecidos. A cruz está vazia, de braços abertos com nuvens ao fundo. Os contrastes costumam ser parte de uma mesma história em que precisamos ter ampliada, cada vez mais, a duração dos tempos de liberdade, justiça e amor.



Mais histórias de sombras... com o assombro do movimento. Vegetais que seguem um percurso, mapeando sua chance de viver. Basta mudar de perspectiva para novas linhas perceber. O ponto de vista... sempre proporcionando outras versões para velhas situações. Exercício de sombras, de sobras, de obras... olhares construídos, desnaturalizados, mais nutridos.



Restos, alguns desperdícios. Fome de quê? De doces nuvens de algodão ou de caixa cheia de mamão? Pontos de fuga e diagonais... podem ser de reinvenção da trajetória. Uma estratégia para percorrer novos caminhos. Atrás de reorganizar, reaproveitar, reciclar... linha limite daquele pneu que se foi, daquele alimento que apodreceu. Linha divisória, entre a vida e a morte. Da fronteira trancada... pelo humano inventada. Desapropriada. Refugiados ambientais, de campos minados, de guerras mimadas e demasiadamente ignoradas. Não esqueçamos que esse território sempre pode se manifestar em nosso *aquí*.